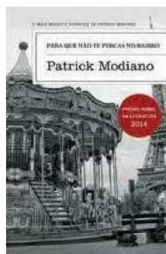




Li vros



★★★★★

**PARA QUE NÃO TE
PERCAS NO BAIRRO**

Patrick Modiano

Porto Editora, 2015, trad. de
Manuela Torres, 104 págs., €15,50

A sombra dos factos

O mais recente romance de Patrick Modiano,
lançado em França poucos dias antes de lhe
ser atribuído o Nobel de Literatura 2014

TEXTO JOSÉ MÁRIO SILVA

Os romances de Patrick Modiano são sempre mais complexos do que parecem à primeira vista. Sob as histórias aparentemente banais, supostamente planas, o ficcionista conduz-nos, quase sem que disso nos apercebamos, ao território incerto do que se esconde por baixo das evidências. A matéria-prima desta escrita é o tempo, essa dimensão intangível que altera a fisionomia das cidades e molda (ou torce) a vida de pessoas concretas. De uma maneira ou de outra, as narrativas de Modiano são sempre investigações sobre o que ficou lá atrás, no passado, gestos e atos (ou

apenas rastros) que reaparecem no presente, quando menos se espera, e podem reordenar a realidade ou a percepção que dela temos. Publicado imediatamente antes da atribuição do Nobel de Literatura, em outubro de 2014, este livro de Modiano talvez não mereça figurar entre os seus melhores, mas é um exemplo perfeito do que torna singularíssima a escrita deste autor. Logo nas primeiras páginas, somos apresentados a um dos seus típicos protagonistas: Jean Daragane, escritor sexagenário, voluntariamente afastado do mundo, para se dedicar à contemplação das árvores e à leitura da “História Natural” de Buffon. Durante meses, não liga a ninguém e ninguém lhe liga. Está fechado na sua concha. Até que uma chamada quebra o isolamento. Alguém descobriu a sua agenda telefónica, perdida numa estação de comboios. Trava assim conhecimento com dois jovens bizarros, um casal, vagamente ameaçador na sua insistência. Ele, Ottolini, descobriu, entre os nomes na agenda, um

que lhe interessa: Guy Torstel, um homem envolvido, há décadas, num *fait divers* obscuro, um caso de polícia que anda a investigar. É o início da espiral, esse caminho sinuoso que desperta o que parecia definitivamente adormecido. “Uma picada de inseto, a princípio muito leve, e eis que ela provoca uma dor cada vez mais forte, e em breve uma sensação de rasgão. O presente e o passado confundem-se, e isso parece natural visto que só estavam separados por uma parede de celofane.” Em “Para Que Não Te Percas no Bairro”, sob o calor inaudito de um “verão indiano”, assistimos à lenta dissolução dessa parede de celofane. Primeiro em resposta à pressão de Ottolini e da companheira, depois obedecendo a uma pulsão pessoal, íntima, Daragane vai mergulhando no palimpsesto da sua memória, em que se sobrepõem vários tempos. O da infância, em que brilha a memória de uma mulher, Annie Astrand, que sobre ele exerce “o poder de um íman” (figura misteriosa, maternal, que começou por protegê-lo, e depois o abandonou). O do momento, quinze anos mais tarde, em que escreveu o primeiro romance (como quem lança “sinais de luzes ou de morse”, à espera de que Annie o reconhecesse). E o presente, em que a procura da verdade sobre acontecimentos ocorridos há mais de meio século, nas décadas de 50 e 60, esbarra na indefinição de um labirinto de personagens mais ou menos suspeitas (apostadores em corridas de cavalos, pequenos meliantes, cúmplices em esquemas, membros de clubes secretos). À semelhança do que acontece noutros livros de Modiano, esta escavação do passado tem consequências. O sossego de Daragane esfuma-se de vez, à medida que vai exumando factos essenciais da sua vida. Ou não tanto a “realidade” desses factos, mas antes a sua “sombra”, como sugere a epígrafe de Stendhal. Também à semelhança de quase todos os outros livros de Modiano, este é um romance de Paris, dos seus bairros, ruas, cafés. Uma cidade onde o protagonista se projeta e funde, resgatando-a do que já deixou de ser. “Ao longo dos anos, as fachadas dos prédios e os cruzamentos tinham-se transformado numa paisagem interior que acabara por cobrir a Paris demasiado lisa e atafalhada do presente.” ●



Modiano explora os
meandros da memória,
num texto breve, intenso,
melancólico